



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na visita
ao Complexo do Castanhão**

Jaguaribara-CE, 06 de junho de 2006

Meus queridos companheiros e companheiras do estado do Ceará,
Meu caro companheiro Pedro Brito Nascimento, ministro da Integração
Nacional,

Meu caro Altemir Gregolin, secretário de Pesca e Aquicultura,
Meu companheiro Ciro Gomes, ex-ministro da Integração,
Minha querida companheira Patrícia Sabóia, senadora da República,
Meu caro Paes de Andrade, embaixador do Brasil em Lisboa – e todo
mundo conhece bem o nosso querido Paes de Andrade,

Meus companheiros deputados federais Arnon Bezerra, Eunício Oliveira,
Inácio Arruda e José Pimentel,

Meu caro companheiro José Machado, presidente da ANA,
Senhores prefeitos dos municípios beneficiados pelos projetos
Alagamar, Curupati e Mandacaru,

Adelmo Queiroz de Aquino, prefeito de Alto Santo,
Ariosvaldo Saldanha, prefeito de Jaguaratama,
José Sérgio Pinheiro, prefeito de Jaguaribe,
João Dilmar, prefeito de Limoeiro do Norte e presidente da Amovale,
Gostaria de cumprimentar a nossa prefeita Maria Emília Granja, de
Jaguaribara, cuja ausência nós sentimos, porque houve um certo transtorno,
um acidente de carro, mas está tudo bem,

Meus caros deputados estaduais,
Meu querido José Alves, coordenador regional do MAB,
Minha querida Raimunda Neta Silva,
Meu caro José Orlando de Freitas,



Meus companheiros e companheiras das famílias assentadas,
Moradores e moradoras do Vale do Jaguaribe e região,
Meu querido companheiro Teodoro Santana,

Eu penso que o problema de falar por último é que os companheiros que falam primeiro, todos exímios oradores, já falaram tudo o que poderiam falar do Castanhão e, portanto, eu me sinto, aqui, no direito de não repetir o que eles já falaram.

O Ciro Gomes tocou num assunto extremamente importante: não basta juntar a água, porque o Brasil tem muitos açudes. Se a gente apenas juntar a água, como em muitos açudes que nós temos no Nordeste brasileiro, o sol é capaz de beber 30% dessa água sem pedir licença a ninguém e sem causar nenhuma distribuição de renda a ninguém.

A grande obra de um projeto dessa envergadura, que todos nós, brasileiros, temos que agradecer a todos que trabalharam nela, seja Paes de Andrade, seja Fernando Henrique Cardoso, seja Tasso Jereissati, seja Lula, a todos que colocaram dinheiro, nós temos que agradecer. E temos que agradecer o papel que o Dnocs está jogando, porque não faz muito tempo, o Dnocs era visto, pela sociedade brasileira, como uma instituição que tinha que ser fechada, porque, segundo a imprensa, era um antro de corrupção. Todo mundo queria que o Dnocs fosse fechado.

O que está provado, agora? Uma instituição, uma empresa como o Dnocs, ela, por si só, não rouba, não pratica corrupção, se você escolher, para administrá-la, homens sérios, e montar a equipe séria para dar dimensão ao projeto. Portanto, Teodoro, eu quero agradecer o trabalho extraordinário que você, e não apenas você mas, sobretudo, a equipe que trabalha com você, os seus diretores e, sobretudo, os funcionários.

Vocês podem ficar tranquilos, porque comigo não há nenhuma demanda dos trabalhadores que me deixe nervoso ou irritado. Eu posso dar ou não dar,



porque isso eu falo com meu filho, eu faço com a minha mulher quando ela pede uma coisa: se eu posso, eu dou, se eu não posso, não dou. Agora, para vocês, também é com essa sinceridade.

Agora, eu nunca vou esquecer que os trabalhadores brasileiros ainda precisam conquistar muita coisa para ter o pagamento justo pelo trabalho prestado a este país. E quanto melhor forem as condições de trabalho e quanto melhor for o salário, mais trabalhadores vão trabalhar com mais competência. Eu tenho clareza disso, porque passei 27 anos dentro de uma fábrica e sei o que é a gente ser bem tratado, a gente ser respeitado, a gente se sentir satisfeito no local em que a gente trabalha. Então, eu quero que vocês saibam disso.

Acontece que nós pegamos uma demanda reprimida. Vocês sabem que durante anos e anos os funcionários públicos brasileiros foram destratados, foram acusados, foram achincalhados. Desde a campanha de 1989, bastava um trabalhador ganhar 50 centavos a mais, que já era considerado marajá. E vocês sabem o quanto vocês comeram o pão que o diabo amassou. E vocês sabem que leva um tempo para a gente poder reestruturar todas as carreiras dos servidores públicos brasileiros, porque eu parto do princípio de que, quanto melhor nós os tratarmos, mais produtivos eles serão, e elas também, e mais ganhará a sociedade brasileira com os bons trabalhos prestados pelos nossos servidores.

Mas eu acho que o Dnocs demonstra aquilo, Ciro, que nós falamos da Sudene, da Sudam, porque havia um hábito no Brasil de que, quando você descobria que tinha corrupção numa instituição, você fechava a instituição e o ladrão ficava solto. Nós adotamos a política de que é melhor prender o ladrão e manter a instituição funcionando com técnicos competentes. Então, eu acho que o Dnocs, que há pouco tempo era tido pela sociedade brasileira como uma vergonha, hoje é tido como um orgulho, porque se dedica a servir ao povo



brasileiro com os seus conhecimentos tecnológicos e com o pouco dinheiro que tem. O Brito vai colocar um pouco mais.

A segunda coisa que eu queria dizer para vocês é agradecer o povo cearense. O povo cearense fez um favor de me emprestar o Ciro Gomes para ser ministro. E nesses trinta e poucos meses que trabalhamos juntos, quase 40 meses, eu pude me dar conta da grandiosidade do caráter, da grandiosidade da lealdade, do homem de princípios e do homem determinado que é o companheiro Ciro Gomes. O Ciro é daqueles jogadores que você põe em campo e não precisa nem dar camisa com número e falar: joga, o que nós temos é que derrotar o adversário. Ele joga o jogo que tem que ser jogado.

E depois vocês me deram ainda o Pedro Brito, que era o secretário-executivo do Ministério da Integração. O Ciro, ao sair para ser candidato, eu não pude impedi-lo. Eu, então, vou aproveitar o Pedro Brito, e vamos ver se ele, um companheiro cearense também, vamos ver se ele é bom de bola. E quero dizer para vocês que estou satisfeito com o trabalho que o Pedro está fazendo, porque é um homem de muita competência. Obviamente que eu não posso falar do Ciro, porque o Ciro parece que está querendo ser candidato, a gente não pode falar de candidatura, a gente não pode falar de candidatura, só depois das convenções.

Mas eu queria dizer para vocês o seguinte: a história contada aqui pelo Eudoro, de que tudo isso começou em 1910 com um engenheiro americano, veja, nem brasileiro era, um engenheiro americano que começou a pensar um projeto, e depois passou por Juscelino, e quem sabe Getúlio tenha pensado, e quem sabe João Goulart tenha pensado, e quem sabe alguns militares também tenham pensado. Isso chegou ao Paes de Andrade que fez a autorização para que houvesse a licitação. Depois de feita a licitação, o que a gente pensa? A obra vai começar no dia seguinte. Puro engano. Aí tem uma quantidade de demanda, tem a questão do Ministério Público, tem a questão de licitação, tem a questão de meio ambiente, tem intrigas políticas. Depois de 1989, quando



Paes de Andrade deu a autorização, a obra só foi começar em 1995, seis anos depois. Ela já foi inaugurada várias vezes, é capaz de ter tanta placa aí que até pode deixar o muro meio assim.

De qualquer forma, eu vim aqui por outra razão. Eu vim aqui porque uma vez eu fui visitar um açude lá em Serra Talhada e fiquei indignado com tanta gente que estava morrendo de fome, passando privações na beira de um grande açude que tinha em Serra Talhada. E, naquele tempo, eu fui embora para casa pensando: como é possível você construir um açude, juntar água e não utilizar essa água para gerar riqueza para esse povo? Como é que você gera riqueza? Você gera riqueza fomentando a indústria da pesca, você gera riqueza fazendo irrigação, você gera riqueza fazendo turismo. Eu, se fosse jovem outra vez e fosse me casar, certamente eu ia querer passar a minha lua-de-mel vendo aquela cachoeira que eu vi agora há pouco, mais bonita do que todas que eu já vi, porque eu já vi muitas cachoeiras, mas essa daqui, feita pela engenharia brasileira, é de uma beleza extraordinária. Quem sabe um dia o Ciro vá ser empresário do turismo, e coloque uma gôndola aí, como se estivesse em Florença, e fique alugando a gôndola para ganhar um dinheirinho.

O dado concreto é que o que está sendo feito aqui, do ponto de vista da aquicultura, do ponto de vista da pesca, é uma revolução que está acontecendo no Brasil, porque antes o governo federal não dava as águas da União para fazer aquicultura, para fazer criação de peixes, não dava. Nós tomamos a decisão e agora a gente pode dar. E vocês ouviram aqui o que o nosso Secretário Especial da Pesca falou: são mil hectares de lâmina d'água. Mil hectares de lâmina d'água é água para caramba, é água que vai permitir que algumas centenas de pescadores possam, com tanques especiais, criar o seu peixe e não precisar sair de madrugada para ficar se aventurando o dia inteiro com um anzolzinho para tirar uma piabinha. Não, ele vai controlar, do tempo que ele coloca lá ao tempo que ele tem que tirar, e o peso que ela está, para vender. E aí, vai até fazer um chapeuzinho para vender para o Presidente,



porque isso aqui é de couro de tilápia e eu ganhei de graça. O perigoso de usar chapéu de couro de tilápia, sabe qual é, Ciro? É que já está cheirando a peixe aqui, eu estou com fome, daqui a pouco eu estou comendo o meu próprio chapéu.

Mas, vejam, isso vai permitir que algumas centenas de famílias tenham, de forma mais confortável, de forma mais saudável, uma possibilidade de ganhar o pão para si e para sua família, de ter uma renda. Ela, tendo uma renda, vai comprar no comércio, o comércio vai crescer, vai gerar um emprego para uma comerciante, para um comerciante. As coisas começam a andar sem que a gente perceba. Da mesma forma, a agricultura irrigada, são três hectares para cada pessoa. Vocês viram aqui que nós entregamos um equipamento de aspersão para os companheiros. Eu perguntei se eles sabiam montar, eles não demonstraram que sabiam montar, alguém vai ter que vir ajudar o pessoal a montar. Mas, três hectares de agricultura irrigada valem por 50 na seca. Então, a pessoa vai poder escolher o que plantar e não vai ficar dependendo do sol e da chuva. Ela vai irrigar e vai colher a cada tempo, vai ter a certeza da produção, portanto, vai ter a certeza de uma renda, vai ter a certeza de um salário e, se não tiver preço, vocês já sabem que no nosso governo a gente garante, comprando a agricultura do pequeno produtor, para não permitir que ele fique por conta do mercado.

Então, eu vim aqui para isso, eu vim aqui não foi para ver uma lâmina d'água, não, porque eu estou cansado de ver. Eu vim aqui para ver uma revolução chamada Projeto de Utilização das Águas Reservadas neste país, e nós temos duas experiências: aqui e em Itaipu, lá em Foz do Iguaçu, no Paraná. São dois modelos que, na hora em que a gente tiver a certeza do sucesso, nós vamos implantar no Brasil inteiro, e aí a gente vai melhorar a vida de milhares e milhares de companheiros.

Ele falou aqui de uma coisa que era da carteirinha dos pescadores. Quando nós entramos no governo, diziam que tinha 500 pescadores. Isso era



número chutado, a gente não tinha certeza, porque nessas coisas tem muita gente que também faz alguns erros, algumas falcatruas e tinha gente que não era pescador, registrado como pescador. Nós fizemos um cadastro, deve dar 400 mil pessoas que estão, hoje, cadastradas no Brasil com a profissão de pescador. Por isso, essas pessoas, dependendo de onde elas pescam, na época do defeso, ou seja, na época da criação, em que a gente não pode pescar, essas pessoas vão receber o salário-desemprego para que não fiquem com fome. Essas pessoas passam a ter o direito previdenciário, que é o mínimo que a gente pode fazer, porque quando a gente está de férias e vai para uma praia ou vai passear, a gente só quer saber de comer peixe fresco, a gente não quer saber quem pescou ou a dificuldade de quem pescou aquele peixe. Muitas vezes esse companheiro não tem escola, muitas vezes ele é analfabeto e, muitas vezes, não tem escola para o filho estudar.

Então, cuidar disso é cuidar do mais fraco, é a gente cuidar dos mais necessitados, é permitir que essas pessoas tenham acesso à cidadania. É isso que nós queremos fazer e fazemos com carinho, e é por isso que nós despertamos, em alguns, tanto ódio contra nós, tanta mágoa, tanto ressentimento. Na história do Brasil sempre foi assim: é proibido fazer as coisas para o pobre. A história política do Brasil é cheia de exemplos. Na hora em que você tenta governar para os mais fracos, pode ficar certo de que você vai ter muitos inimigos.

Então, Ciro, eu quero te agradecer pelo trabalho, muito menos pelo dinheiro que nós colocamos aqui, mas pela definição do que nós queremos fazer agora, que está pronto. Agora já tem o muro, já tem a água, a estrada que nós fizemos, de 28 quilômetros, que diziam que a gente não deveria fazer porque iria demorar cinco anos para encher, encheu em um ano. Se a gente não tivesse feito a estrada, ela estava 10 metros abaixo d'água hoje. Então, Ciro e Pedro Brito, muito mais pela definição do Projeto. Isso aqui não é um açude apenas para juntar água para o sol beber. Isso é um açude para juntar



água, o sol vai levar o seu pouquinho para fazer chover depois, mas nós queremos que a parte que fica aqui, se transforme em energia para a barriga das nossas crianças, para o cérebro das nossas crianças e que, em função dessa água, a gente possa ter um pouco mais de riqueza neste país.

É por isso que eu saí de Brasília para vir aqui, para dizer para vocês: valeu a pena, Paes de Andrade, assinar o Decreto da Concessão. Valeu a pena cada centavo colocado aí e valeu a pena a gente ir aprendendo. Eu fui, agora, ver a Estação de Piscicultura. Quando nasce uma tilápia, um peixinho, um alevino no rio, os grandes comem e, de cada um milhão, sobram quantos? Dez, 12, 15, sei lá se sobram. E os pequeninhos a gente ainda vai pegar para comer. Quando a gente o cria em cativeiro, em tanque, a gente tira 10 mil, 20 mil, 30 mil, 40 mil, 50 mil, nascem todos, e a gente vai colocá-los na água, já em um tamanho importante para começar a crescer. Então, a gente não vai ter dúvida de que vai plantar e colher.

Então, meus companheiros, eu quero dizer para vocês, companheiros do MAB, mulheres e homens desta região, trabalhadores, prefeitos, deputados, vereadores e ministros, quando a gente vem visitar um projeto como este é que a gente volta para casa com a certeza de que vale a pena a gente acreditar neste país, de que vale a pena a gente acreditar nos projetos importantes. Então, eu saio daqui satisfeito, realizado, para chegar em casa e contar para dona Marisa: dona Marisa, eu fui ver um projeto que um dia você vai ter que ver, porque aquele projeto é o sinal de que se o povo nordestino ainda passa fome é porque durante quase um século os governantes resolveram não tratar o Nordeste com o respeito que o Nordeste brasileiro merece.

Muito obrigado, meus companheiros, e até outro dia.